

ROSA MONTERO

O PESO DO CORAÇÃO

O regresso de Bruna Husky

Tradução de Helena Pitta

Os humanos são paquidermes, lentos e pesados, ao passo que os replicantes são tigres rápidos e desesperados, pensou Bruna Husky, consumida pela impaciência de ter de esperar na fila. Recordou uma vez mais a frase de um autor antigo que, um dia, o seu amigo arquivista citara: «As ininterruptas idas e vindas do tigre diante dos barrotes da jaula para que não se lhe escape o único e brevíssimo instante da salvação.» Impressionada, Bruna decorara-a. Ela era esse tigre, preso no minúsculo cárcere que era a sua vida. Os humanos, com as suas existências longuíssimas e velhices intermináveis, costumavam glorificar com vaidade as vantagens da aprendizagem; até das más experiências, defendiam, se podiam tirar lições. Husky é que não tinha tempo a perder com tais tontices; como qualquer androide, só vivia uma década, que terminaria dentro de três anos, dez meses e vinte e um dias, e tinha a certeza de que havia saberes que não valia a pena interiorizar. Por exemplo, teria vivido feliz sem conhecer a imundície das Zonas Zero; no entanto, ali estava ela, no que parecia agora ser uma viagem inútil à miséria.

«Bom dia! Estás a sair da Zona Zero. A partir desde ponto só pessoas com autorização em dia, por favor. Muito obrigado!»

Há já algum tempo que a rep ouvia a mensagem, cada vez mais nítida à medida que a longa fila de viajantes passava pelo controlo e ela se ia aproximando da porta. À primeira vista, a fronteira não parecia grande coisa; apenas um longo muro transparente que deixava entrever alguns corredores e divisões, também transparentes, do outro lado. No entanto, fora construída em acrílico reforçado de blindagem

muito alta, talvez de 2.6, calculou a androide; inviolável, inquebrável e tão dura como o diamante, embora muito mais feia, dado que amarelava e se sujava com o tempo. As manchas ocre poderiam passar por resíduos oxidados de urina e faziam com que a parede tivesse o aspeto daquilo que na realidade era: o sórdido muro de uma prisão.

«Bom dia! Estás a sair da Zona Zero. A partir deste ponto só pessoas com autorização em dia, por favor. Muito obrigado!»

A rep resmungou. Odiava as vozes sintéticas, a boa educação sintética, e, sobretudo, o tom estúpido de entusiasmo, tão inadequado e incongruente naquelas circunstâncias. Em volta, o mundo parecia ferver. Colunas de fumo tóxico das chaminés industriais elevavam-se no horizonte e fundiam-se com o céu congestionado, cor de chumbo, que ameaçava cair-lhe em cima. O controlo fronteiriço ficava num desfiladeiro, para aproveitar o afinilamento do caminho e a inexpugnabilidade das grandes rochas; visto de cima, o vale que Bruna estava quase a deixar para trás era um caldeirão queimado e sombrio. Uma terra maldita.

– É preciso avançar – resmungou o homem atrás dela.

A fila avançara tão pouco que ela nem se apercebera. Dois passinhos de nada e já havia um tipo a protestar! Cobriu a pequena distância numa passada e, da sua altura de rep de combate, olhou com sarcasmo para o humano. O tipo não se alterou. Não pareciam amedrontá-lo nem a constituição atlética, nem os olhos felinos de pupila rasgada que definiam Bruna como tecno-humana, nem a tatuagem que lhe percorria o corpo na vertical; uma linha negra e fina que lhe descia pela testa, pálpebra e face esquerdas, lhe percorria o peito, o ventre e a perna esquerda, dava a volta ao pé, passava pelas costas e completava o círculo após subir pelo crânio rapado. Tanta tranquilidade num humano não era normal. Habitual era temerem-na e detestarem-na. Aquele homem devia ser rico. Poderoso. Habitado a ser ele quem infundia medo. Tinha uma máscara purificadora de carbono de última geração, elegante e quase invisível. Uma tecnologia ultraleve e caríssima. Que negócios trariam alguém assim a um dos setores de Ar Zero, os locais mais contaminados do planeta? As lixeiras do mundo. Teriam de ser por força negócios sujos, pensou Bruna, digerindo a sua péssima piada a contragosto.

«Bom dia! Estás a sair da Zona Zero. A partir deste ponto só pessoas com autorização em dia, por favor. Muito obrigado!»

Máquina estúpida. Durante muito tempo o ar fora propriedade das grandes companhias energéticas, que o cobravam aos habitantes. Quanto mais limpo o ar, mais caro era; porém, há seis meses o Tribunal Constitucional declarara o negócio ilegal e proibira a propriedade e a venda de ar. Um grande triunfo democrático que, na realidade, de nada servira, uma vez que as Zonas Verdes haviam estabelecido de imediato um imposto de residência que os mais pobres também não podiam pagar. Por isso, na resplandecente nação única dos Estados Unidos da Terra, continuavam a existir fronteiras como aquela. Construíam-nas assim, em acrílico transparente, para que a contradição desse menos nas vistas, mas o tempo encarregava-se de lhes criar aquelas manchas enormes de mijo ocre. Bruna inspirou profundamente o ar pesado e mineral. Cheirava a enxofre, a óxido, a trapos húmidos e velhos. A rep teve uma visão nítida de como cada inspiração lhe depositava nos pulmões rosados o finíssimo pó preto que cobria todas as superfícies do Setor Zero. Tanto pior para a sua saúde, pensou Bruna. Embora, no fim de contas, que importância tinha? Três anos, dez meses e vinte e um dias, ruminou. Muito provavelmente, o cretino da máscara viveria mais do que ela, e não seria graças à proteção do filtro de carbono. É por isso que os clientes modestos contratavam detetives replicantes para que fossem à Zona Zero. Trabalhos desprezíveis pagos miseravelmente. Só duas mil gaias para encher os pulmões de metal quente enquanto investigava o paradeiro de um idiota. Quem aceitaria um trabalho daqueles além de um androide com a vida a prazo, de um condenado à morte como ela? Olhou de novo para o executivo de máscara e odiou-o. E depois, como em tantas outras ocasiões, a velha raiva transformou-se em desalento. O que era ainda pior, porque sempre preferira a raiva à dor.

Já estava quase a passar pelo controlo. Só tinha uma pessoa à frente, uma jovem humana que, pela roupa berrante e justa, talvez fosse prostituta. A fina folha de grafeno do seu computador portátil estava montada num bracelete ostentoso de metal dourado e pedras preciosas claramente falsas. Talvez fosse trabalhar para a Zona

Um, o setor contíguo. A rapariga encostou o pulso ao Olho e, depois de alguns instantes de verificação, a porta abriu-se. Do outro lado havia um pequeno corredor e, depois, uma câmara de descontaminação. Nada de muito sério: aspiração das partículas tóxicas da roupa e do cabelo e uma vaporização antiviral e antibiótica. Uma espécie de limpeza sumária que durava apenas um minuto; a bagagem era revista e descontaminada num tapete à parte. No entanto, era esse procedimento que criava aquelas longas filas.

A rapariga ia atravessar a porta quando explodiu o clamor. Primeiro ouviu-se a gritaria repentina, um bramido coletivo e animal que gelava o sangue. A rapariga parou e olhou para trás, gesto que foi seguido por todos os que esperavam na fila, para a massa de indivíduos que se aproximava do muro numa correria. Eram muitos, milhentos; trezentos, quatrocentos, talvez mais, homens e mulheres que transportavam escadas, mochilas, trouxas, malas, crianças às costas. Desesperados e furiosos, também gritavam para se encorajarem. Era assim que deviam clamar os assaltantes dos castelos medievais nas histórias que o seu amigo Yiannis lhe contava. Os primeiros chegaram à parede transparente como uma onda a embater contra um dique e o muro, eletrificado, cuspiu-os, arremessando-os para longe. Bruna estava a par daqueles ataques; uma vez que os assaltos às fronteiras das Zonas Zero eram habituais, eram mencionados com frequência nas notícias. A multidão sabia o que o acrílico fazia, mas, mesmo assim, arriscava-se a transpô-lo. Alguns usavam luvas isolantes e envolviam o corpo em trapos estranhos para minimizar a corrente, mas estremeciam na mesma agarrados ao muro, agitando-se e guinchando antes de se soltarem, enquanto os de trás lhes trepavam pelos ombros. De súbito, a rapariga que talvez fosse prostituta recuperou a presença de espírito e atravessou a porta a correr. A parede voltou a fechar-se atrás dela.

«Bom dia! Estás a sair da Zona Zero. A partir deste ponto só pessoas com autorização em dia, por favor. Muito obrigado!»

Três drones dos canais informativos surgiram como que por magia, sobrevoando a multidão; o ruído característico dos seus pequenos motores denunciava-os. Bruna sintonizou as notícias no telemóvel e, de pronto, o assalto ao muro apareceu em direto. No ecrã que

trazia no pulso, entre o fumo, a perspectiva aérea, a inclusão habilidosa de primeiros planos, o fundo colorido e o cinzento-azulado que dominava tudo, a cena tinha qualquer coisa de épico, de grandioso, até de belo. A realidade, pelo contrário, era uma aluvião suja, desordenada e queixosa de pessoas que se espezinhavam umas às outras, uma quantidade impressionante de indivíduos desesperados que sofriam. Supunha-se que a descarga elétrica era dissuasiva e não mortal, mas alguns jaziam imóveis, possivelmente desmaiados, ao pé do muro. Mesmo assim, outros estavam a conseguir saltar; com espasmos e câibras, é certo, mas imparáveis.

– Se não vais passar, afasta-te!

O homem da máscara deu um empurrão a Bruna, encostou o seu telemóvel ao Olho e transpôs a porta. E, como se o tipo o tivesse previsto ou mesmo ordenado (tê-lo-ia feito?), assim que o muro se fechou atrás dele apareceram as *feras*, os temíveis guardas das Forças de Intervenção Especial Regional. Vinham totalmente cobertos por uma armadura, que os tornava vagamente semelhantes aos antigos astronautas do tempo da conquista espacial. A primeira coisa que fizeram foi atirar sobre os drones; os pequenos aviões explodiram e os fragmentos ardentes começaram a chover sobre toda a gente. Nessa altura, foi a fila de viajantes que gritou e iniciou a sua própria debandada, enquanto os assaltantes do muro dispersavam e as *feras* disparavam as suas pistolas atordoantes de forma indiscriminada. Um empurrão repentino e monumental, semelhante ao impulso envolvente de um *tsunami*, levantou Bruna do chão e levou-a aos baldões através da porta até à câmara de descontaminação. De repente viu-se fechada naquele cubículo com outras nove ou dez pessoas, quantidade inverosímil em tão pequeno espaço, de modo que, dos ombros para baixo (por sorte, continuava a ser a mais alta), cada centímetro do corpo de Bruna estava dolorosamente prensado. Os pulmões lutavam para respirar e os indivíduos mais fracos talvez não tivessem ar suficiente. Começavam a ouvir-se respirações ofegantes e angustiosas quando as *feras* abriram o compartimento e a massa humana se derramou no outro lado do muro, arquejante e cambaleante.

– De joelhos! De joelhos e com as mãos atrás da cabeça!

Alguns dos viajantes, por si só, já tinham caído de bruços ao saírem da câmara, mas as *feras* fustigavam-nos na mesma, empurrando-os e agredindo-os com as espingardas. O coração de Bruna começou a bater mais depressa e a adrenalina disparou, uma resposta automática que os engenheiros genéticos tinham reforçado no seu organismo de rep de combate. Levantando os braços, começou a ajoelhar-se lentamente, o que não evitou que um guarda lhe espetasse o cano da arma nos rins. Bruna rodou sobre si própria com a velocidade de um felino e, agarrando no cano da espingarda, deu tamanho empurrão à *fera* que a deixou sentada no chão. A cena pareceu congelar de imediato: o homem estatelado no chão, atônito; os outros guardas, a apontar-lhe as suas armas; Bruna com a espingarda na mão, ainda segura pelo cano. A androide sentiu-se inundada por aquela calma gelada e muito lúcida dos grandes momentos de tensão, outro presente dos geneticistas que a haviam criado. O seu estado de alerta era tal que os segundos pareciam prolongar-se, de modo que se permitiu avaliar com calma a situação. Estava rodeada por seis *feras* e, se todos disparassem em simultâneo, sem dúvida que as descargas atordoantes lhe parariam o coração e morreria, apesar da sua força. No entanto, os homens estavam assustados. Às vezes, ser temida era uma vantagem.

– Calma, calma – disse num tom firme e sereno, em inglês global.
– Não há problema. Chamo-me Bruna Husky. Vivo em Madrid, na região hispana. Sou detetive privada. Tenho licença e estou registada. Vim ao Setor Zero a pedido de um cliente. Não devia ter empurrado o vosso colega e peço-lhe desculpa por isso. Mas vocês também não me deviam ter batido, especialmente porque vos estava a obedecer. Sou uma androide de combate e fui criada para reagir desta forma a agressões.

Silêncio. Bruna percorreu com o olhar as caras dos tipos. Por trás da máscara de proteção incorporada no capacete quase não se viam, embora se notassem os olhos. Olhos humanos nervosos, instáveis, emocionais, dubitativos. Bruna ajoelhou-se.

– Vou pousar a espingarda no chão e depois poderão verificar os meus dados.

Com movimentos lentos, a androide pousou a arma e colocou depois ambas as mãos atrás da cabeça. As *feras* aproximaram-se.

Passaram um leitor pelo telemóvel de Bruna e verificaram a veracidade das suas palavras. À medida que os dados confirmavam o que ela lhes dissera, foram descontraíndo. Moviam-se cada vez com maior segurança, com maior insolência. O guarda a quem tirara a arma parou diante dela.

– Se os reps não sabem controlar-se, será preciso exterminá-los como a cães raivosos – cuspiu com ódio.

Husky não ligou ao ligeiro remoque venenoso. Estava habituada ao desprezo dos humanos e, para dizer a verdade, o sentimento era mútuo. Mais importante, e interessante, era o facto de as *feras* terem deixado de dar coronhadas, comportando-se agora com a cautela de crianças maldosas que apanharam um susto. Humanos cobardes.

Os outros viajantes foram identificados e depois deixaram-nos ir, mas Bruna continuou de joelhos durante algum tempo. A passagem pelo controlo continuava interrompida; de um e de outro lado da parede de acrílico viam-se corpos caídos que o serviço de segurança recolhia. Os poucos indivíduos que tinham conseguido transpor o muro e esgueirar-se para a Zona Um eram devolvidos de novo ao Setor Zero. A alguma distância de Bruna, perto do muro, uma menina de uns nove ou dez anos debatia-se nas mãos de uma *fera*.

– Está morta! Está morta! – guinchava a menina.

Devia referir-se a um vulto escuro e imóvel que jazia no chão ao pé deles. O guarda agarrou na menina pelo pulso e levantou-a no ar, enquanto ela guinchava e tentava pontapeá-lo. O tipo aproximou-se da porta com a miúda pendurada e a contorcer-se como um peixe em agonia. Ia, evidentemente, atirá-la para o outro lado.

– Nãoooo!!! Não quero iiir!!!

Um novo drone de notícias apareceu no céu e começou às voltas. A menina redobrou a resistência e conseguiu que o aviãozinho parasse em cima deles, zumbindo e vibrando no ar como um besouro.

– Nãoooo!!! Não me podes expulsaaar!!! Sou menor!!! Sou me-nooorrrr!!!

O homem que a levava arrastada parou, sem saber muito bem o que fazer. Uma *fera* aproximou-se de Husky.

– Podes ir, mas ficas a saber que fizemos uma denúncia. Anotámos

uma infração civil na tua biografia e irão chamar-te para te imporem a pena correspondente. Espero que te retirem a licença.

Embora a armadura escondesse tudo, a voz indicava que quem falava era uma mulher. Uma mulher de olhos duros. Bruna resfolegou e pôs-se de pé. Nesse momento, um *rocket* destruiu o drone dos noticiários. Um dos estilhaços bateu na sobrançelha esquerda da androide e fez-lhe um pequeno corte.

– Raios partam...

As *feras*, claro, estavam protegidas pelas suas couraças. A sobrançelha de Bruna sangrava e havia poucas coisas mais desagradáveis do que um olho cego pelo próprio sangue. Além disso, a cicatriz talvez desfigurasse a linha perfeita da tatuagem, pensou a androide. E ela gostava da sua tatuagem tal como era. Sentia-se cada vez mais furiosa. Em quatro passadas aproximou-se do guarda que abanava a miúda e, sem parar para pensar, agarrou no outro braço da pequena.

– Esta miúda é minha. Foi quem vim buscar à Zona Zero. Fica à minha guarda.

– O quê?

– Sequestraram uma filha à minha cliente. Achamos que pode ser esta miúda – improvisou.

– Que asneirada é essa?

– É verdade! É verdade, é verdade, é verdaade! – guinchou a menina.

Outros guardas aproximaram-se, entre eles a oficial que autorizara Bruna a ir-se embora.

– A criança não passa. Não está autorizada.

– Eis o que vou fazer – anunciou Bruna. – Vou pagar agora mesmo o seu imposto de residência numa Zona Verde por três meses. Assim já pode passar. E levo-a comigo. Quando soubermos se é ou não a filha da minha cliente, atuaremos em conformidade.

Houve um silêncio incómodo enquanto a menina pendia como um trapo das mãos da androide e do homem. Finalmente, a *fera* que parecia comandar falou.

– Não me tomes por imbecil. Não acredito em ti. Mas os cabrões dos noticiários já mostraram a miúda. Ou seja, já sabem que temos uma menor e que não a podemos expulsar sem antes avisarmos o juiz.

Por isso, porque não? Leva-a. Poupas-nos trabalho. Pagas o imposto dela, assumas a sua tutela provisória no registo e dão à sola. Estou farta de ti.

Bruna apressou-se a cumprir as formalidades através do seu telemóvel e, quando aceitou a responsabilidade legal da menina, sentiu que a sua fúria e desespero redobravam. Que raio estava a fazer? Porque complicava a sua vida daquela maneira?

– Vamos embora – grunhiu.

– Não tão depressa – opôs-se a *fera*. – Antes tenho de lhe inserir o localizador.

Expedita e habilmente, a guarda agarrou na menina, prendeu-a com firmeza sob o seu braço esquerdo e inseriu-lhe um *chip* de localização na coxa. Foi tudo tão rápido que, quando a pequena recomeçou a berrar, já estava de novo livre.

– Amanhã tens de te apresentar com ela no Tribunal de Menores da tua região. Agora sim, desandem.

A androide agarrou na miúda furibunda pela mão e começou a andar. De acordo com a sua biografia, chamava-se Gabi Orlov, era órfã e nascera em Dzerzhinsk em junho de 2099. Ou seja, acabara de fazer dez anos. Falava bem o inglês global, evidentemente; todos aqueles que haviam nascido após a Unificação da Terra em 2096 tinham sido educados na língua padrão. Olhou-a de esguelha e viu um rosto largo e plano, com traços vagamente tártaros, uma expressão arisca, enrugada e determinada, e nem um vestígio de lágrimas na cara suja.

– Aquele corpo que estava no chão era de algum teu familiar? Refiro-me à pessoa que dizias estar morta...

– Não.

– Falas russo?

– Não.

Bruna esfregou o olho esquerdo para o limpar do sangue que entrara, causando-lhe ardor. De repente, uma onda inesperada de angústia inundou-lhe o peito e deixou-a quase sem ar nos pulmões. Pelo grande Morlay, o que tinha feito?

– Ouve, eu não me vou encarregar de ti. Procurarei um bom lugar, alguém que cuide de ti, mas não esperes nada de mim.

A menina fez um ruído trocista e depreciativo, metade riso, metade esgarro.

– Esperar alguma coisa de ti? De uma rep? Não quero nada convosco. Morrem muito depressa – sentenciou.

«Boa viagem! Volta rapidamente a visitar a Zona Zero!», chilreou alegremente uma voz de sucata eletrónica.

Estavam a sair da fronteira.